

A interação de duas crianças pequenas com Síndrome de Down e suas mães

The Interaction of Two Young Children with Down Syndrome and Their Mothers

La Interacción de Dos Niños Pequeños con Síndrome de Down y sus Madres

Ana Paula Bellarmino Balbo¹ 

Ruth Ramalho Ruivo Palladino¹ 

Resumo

Introdução: As escolhas terapêuticas do fonoaudiólogo dependem da concepção de linguagem adotada, especialmente quando esta inclui a subjetividade da criança. A partir dessa perspectiva, o estudo aborda a importância da inserção da criança nas cadeias enunciativas e o impacto dessa inserção na aquisição da linguagem. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo descrever as interações entre duas crianças pequenas com Síndrome de Down e suas mães. **Método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE 6.857.321), realizada por meio da filmagem de interações lúdicas entre mães e crianças, posteriormente transcritas e analisadas segundo o protocolo de Sinais Enunciativos de Aquisição da Linguagem (SEAL), que permite observar a inserção da criança nas cadeias enunciativas, campo de brotamento da linguagem. **Resultado:** Ambas as crianças apresentaram sinais enunciativos aquém do esperado para a idade, com interações que se desfazem rapidamente. Observou-se que as mães não sustentam o jogo enunciativo, deixando de reconhecer e significar as manifestações verbais e não verbais das crianças. O discurso materno tende a ocupar um lugar pedagógico, centrado na nomeação e ensino de palavras, com pouca abertura à escuta. A análise sugere que os impasses no desenvolvimento da linguagem não se devem apenas aos poucos recursos linguísticos das crianças, mas também à frágil sustentação enunciativa materna. **Conclusão:** Conclui-se que análises enunciativas contribuem para ampliar a compreensão dos atrasos de linguagem em crianças com Síndrome de Down, evidenciando a importância do lugar do outro na constituição do sujeito falante.

Palavras-chave: Interação Mãe-Criança; Linguagem; Síndrome de Down.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

APBB: concepção do estudo; coleta de dados; análise dos resultados e redação inicial do artigo.

RRRP: definição da metodologia; revisão crítica do conteúdo e supervisão geral do trabalho.

Email para correspondência: anapbalbo@gmail.com

Recebido: 02/07/2025

Aprovado: 12/10/2025

Abstract

Introduction: The therapeutic choices of speech-language pathologists depend on the conception of language they adopt, especially when this includes the child's subjectivity. From this perspective, the study addresses the importance of the child's insertion into enunciative chains and the impact of this insertion on language acquisition. **Objective:** This study aims to describe the interactions between two young children with Down Syndrome and their mothers. **Method:** This is a qualitative study, approved by the Ethics Committee (CAAE 6.857.321), conducted through the filming of playful interactions between mothers and children, subsequently transcribed and analyzed according to the Signs of Language Acquisition Protocol (SEAL), which allows observing the child's insertion into enunciative chains, the germinal field of language. **Results:** Both children presented enunciative signs below what is expected for their age, with interactions that dissolved quickly. It was observed that mothers did not sustain the enunciative play, failing to recognize and give meaning to the children's verbal and non-verbal manifestations. Maternal discourse tends to occupy a pedagogical position, focused on naming and teaching words, with little openness to listening. The analysis suggests that impasses in language development are not solely due to the children's limited linguistic resources but also to fragile maternal enunciative support. **Conclusion:** Enunciative analyses contribute to a broader understanding of language delays in children with Down Syndrome, highlighting the importance of the other's role in the constitution of the speaking subject.

Keywords: Mother-Child Interaction; Language; Down Syndrome.

Resumen

Introducción: Las elecciones terapéuticas del fonoaudiólogo dependen de la concepción de lenguaje adoptada, especialmente cuando esta incluye la subjetividad del niño. Desde esta perspectiva, el estudio aborda la importancia de la inserción del niño en las cadenas enunciativas y el impacto de esta inserción en la adquisición del lenguaje. **Objetivo:** Este estudio tiene como objetivo describir las interacciones entre dos niños pequeños con síndrome de Down y sus madres. **Método:** Se trata de una investigación cualitativa, aprobada por el Comité de Ética en Investigación (CAAE 6.857.321), realizada a través de la filmación de interacciones lúdicas entre madres y niños, posteriormente transcritas y analizadas según el protocolo de Señales Enunciativas de Adquisición del Lenguaje (SEAL), que permite observar la inserción del niño en las cadenas enunciativas, campo de surgimiento del lenguaje. **Resultados:** Ambos niños presentaron señales enunciativas por debajo de lo esperado para su edad, con interacciones que se desvanecen rápidamente. Se observó que las madres no sostienen el juego enunciativo, dejando de reconocer y significar las manifestaciones verbales y no verbales de los niños. El discurso materno tiende a ocupar un lugar pedagógico, centrado en la nominación y enseñanza de palabras, con poca apertura a la escucha. El análisis sugiere que los obstáculos en el desarrollo del lenguaje no se deben solo a los escasos recursos lingüísticos de los niños, sino también al frágil sostén enunciativo materno. **Conclusión:** Se concluye que los análisis enunciativos contribuyen a ampliar la comprensión de los retrasos del lenguaje en niños con síndrome de Down, evidenciando la importancia del lugar del otro en la constitución del sujeto hablante.

Palabras clave: Interacción Madre-Niño; Interacción; Lenguaje; Síndrome de Down.

Introdução

As escolhas e resoluções terapêuticas do fonoaudiólogo em casos de crianças com atrasos ou distúrbios de linguagem são determinadas, fundamentalmente, pela concepção de linguagem da qual o clínico se aproxima e o que faz diferença é o fato de a constituição subjetiva da criança estar ou não incluída nas reflexões. Quando a concepção de linguagem assumida pelo clínico inclui o sujeito, opção do presente estudo, torna-se importante a observação dos modos de operação deste sujeito na linguagem. Em outros termos, no processo de aquisição, busca-se observar que espaço de fala ou posição que a criança pode ocupar nas interações com o adulto e como pode fazê-lo.¹

A partir das proposições de Benveniste², teórico da Enunciação cuja noção de linguagem implica o sujeito, Silva³ aponta dois princípios da constituição do sujeito falante: a intersubjetividade como constitutiva da linguagem e a construção do conhecimento linguístico na dimensão discursiva.

Benveniste² apresenta a intersubjetividade como uma “condição da experiência humana inerente à linguagem”, noção que é uma espécie de “a priori de sua teoria” (PLG I, p. 152). É espaço e tempo em que o falante coloca a língua em uso, ou seja, se movimenta na estrutura discursiva, e, assim, sua manifestação sempre se refere ao outro. Benveniste² pensa a fala como uma forma de o sujeito estar na língua, axioma de base da sua teoria. A subjetividade, neste sentido, é a “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (PLG I, p. 286) e, como tal, sempre enuncia, quer dizer, se refere ao outro e o convoca a se apresentar enquanto sujeito.

Silva³ descreve três operações no processo de aquisição de linguagem: conjunção eu-tu (dependência da criança ao discurso do outro) e disjunção eu-tu (separação criança-outro), movimento em que a criança tem a possibilidade de realizar o seu ato de inscrição subjetiva na linguagem, de convocada pelo outro passa a convocar o outro. Essa primeira operação parece constituir-se em condição das demais. A sua lógica comporta a ocupação de um lugar na estrutura enunciativa, espaço em que a criança é constituída ao mesmo tempo em que se constitui no discurso. A criança precisa ocupar um lugar na estrutura da enunciação para que venha a falar.

A segunda é a constituição de referência no discurso da criança ou conversão da língua em discurso, operada por duas lógicas enunciativas: o adulto reconhece qualquer manifestação da criança como uma enunciação, antecipação de que também fala Jerusalinsky⁴, ou seja, seus atos verbais e não-verbais são discursivizados e significados e outra, o adulto interroga a criança em sua manifestação, retomando e integrando sua produção, emergindo como uma espécie de co-autor na estrutura enunciativa, numa dupla apropriação, da língua e do discurso anterior da criança e autoriza a enunciação infantil como pertencente à estrutura da língua.³

Em uma terceira operação, há a assunção pela criança da posição eu em termos de reversibilidade, se deslocando para a posição tu e nesta sucessiva reversão vai transitar nas cadeias enunciativas, pela língua. Ela está instaurada enquanto sujeito na língua-discurso.

Portanto, é no enlaçamento entre criança e o adulto, sustentado por uma estrutura enunciativa-discursiva, que assegura a um e a outro e, claro, sobretudo à criança, sua posição e sua possibilidade de circulação nesta estrutura, espaço de brotamento da fala.⁵

A circulação enunciativa pode identificar, já em momentos iniciais, impasses na interação entre o adulto e a criança, ou seja, identifica o jogo entre a emergência da fala infantil relativamente à posição subjetiva da criança, ponto em que a aquisição da linguagem se dá.⁶ Em uma discussão sobre a aquisição da linguagem, a inclusão de sinais funcionais do diálogo entre mãe e criança é importante, na medida em que ultrapassa a investigação apenas das produções linguísticas infantis, revestindo de valor analítico, também e sobretudo, a circulação enunciativa.

Desde tais proposições, Crestani⁶ propôs o protocolo Sinais de Aquisição da Linguagem (SEAL), voltado à análise da circulação enunciativa entre a criança e o adulto. O instrumento é destinado a crianças de até dois anos de idade, tendo sido validado para o primeiro ano de vida por Crestani et al.⁷ e, para o segundo ano, por Fattore et al.⁸ O SEAL redireciona o olhar do clínico, encadeando sua atenção às categorias linguísticas em uso pela criança e às consequentes respostas do adulto, com os modos de arranjos e rearranjos operados pelo par na cadeia enunciativa.

Fattore, Moraes e Crestani⁸ explicam o caráter de rastreamento do protocolo quando apontam que

“os sinais identificados são tomados como pistas ou indícios do processo”. E seguem esclarecendo que “a presença de sinais indica que o processo de aquisição está acontecendo conforme o esperado para a faixa etária, considerando os processos lógicos de emergência de mecanismos enunciativos. Já sua ausência indica que o processo pode estar em risco para um desfecho de atraso na aquisição da linguagem, na perspectiva da emergência de um sujeito falante.”

A literatura aponta que as crianças com o diagnóstico da Síndrome de Down apresentam um importante atraso na aquisição da linguagem, com consequentes dificuldades de engajamento nos ciclos comunicativos e os explica substancialmente por uma fragilidade no uso da língua. Mas, estudo realizado por Balbo⁹ mostra que estes impasses na interação mãe-criança com SD não se devem apenas a uma fragilidade linguística por parte da criança e consequentes tropeços por parte do adulto, notadamente no aspecto pragmático da fala infantil, como tradicionalmente é postulado, mas, também e sobretudo, pela sua não inserção ou frágil inserção nas cadeias enunciativas.

O presente estudo tem por objetivo descrever as interações entre duas crianças, pequenas, com o diagnóstico da Síndrome de Down, e suas mães, a partir do protocolo SEAL.

Método

Estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado e aqui apresentado na modalidade estudo de caso múltiplo, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade na qual o estudo foi realizado, no protocolo número 6.857.321, sendo obedecidas as normas éticas obrigatórias para pesquisas em seres humanos - (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde - CNS), com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes e responsáveis pelas crianças, e o Termo de Anuência da Instituição em que os dados foram coletados.

Os sujeitos deste estudo foram duas crianças (H. e M.) na faixa dos dois anos de idade, com o diagnóstico da Síndrome de Down e suas mães.

H. primeiro e único filho, nasceu de uma gestação sem intercorrências, com diagnóstico da Síndrome de Down na 12ª semana. No nascimento foi diagnosticada uma cardiopatia, com evolução favorável, sem outras comorbidades. Apresentou

dificuldades iniciais na alimentação, usando inicialmente sonda. Após um período de internação de 36 dias devido a dificuldades respiratórias, passou a utilizar mamadeira, mas enfrentou desafios na sucção, com mamadas lentas. A introdução alimentar ocorreu aos oito meses, com a aceitação gradual. No que se refere ao desenvolvimento motor, observou-se um atraso significativo, com aquisição da marcha apenas aos dois anos de idade. A criança ainda não estava desfraldada à época deste estudo, com autonomia funcional restrita. Ausência de fala, vocalizações isoladas. Brincadeiras muito primitivas, com ações desorganizadas, arremesso de objetos, sem indícios de jogos simbólicos ou funcionais. Mãe com 45 anos, ensino fundamental incompleto, do lar.

M. primeira filha, nasceu de 35 semanas, em uma gestação acompanhada por exames de rotina. A descoberta da Síndrome de Down se deu após o nascimento com grande repercussão parental. Além da síndrome foi diagnosticada uma cardiopatia que exige acompanhamento médico, sem outras comorbidades. Desde o nascimento, M. apresentou dificuldades com sinais característicos de refluxo gastroesofágico, o que gerou preocupações significativas em relação à sua alimentação. Apresentava engasgos, refluxo muito intenso sendo até internada, além de apresentar atualmente uma disfagia leve, sendo que há controle alimentar, visando evitar reações adversas. No desenvolvimento motor, M. apresentou dificuldades para engatinhar e só iniciou a marcha por volta dos dois anos de idade. Ainda não foi desfraldada e não possui autonomia para se alimentar sozinha, sendo capaz apenas de segurar a mamadeira. Ainda não fala, com restritas possibilidades de comunicação, desatenção constante, brincadeiras incipientes. Mãe com 38 anos, graduada, assistente de RH sênior

A coleta foi realizada por meio da filmagem de interações lúdicas, de 30 minutos, das crianças com suas mães, feitas em um espaço com uma variedade de brinquedos que representam objetos do cotidiano. Os brinquedos eram de tamanho médio, feitos de plástico, e livres de pontas e pinturas tóxicas, garantindo a segurança durante a brincadeira. Dentre os brinquedos disponíveis, havia conjuntos de cozinha, escola, hospital, painéis e louças de plástico, frutas, legumes e embalagens de alimentos, bonecas representando personagens envolvidos em atividades diárias, ferramentas de brinquedo como martelos, serras e chaves de fenda, e ins-

trumentos médicos como estetoscópios, tabelas e seringas. Esses brinquedos foram cuidadosamente organizados em um caixa plástica grande que estão disponíveis para que as participantes pudessem abrir e brincar livremente.

Para registrar as interações, foi utilizado um celular modelo iPhone 13 Pro Max, posicionado em um tripé a uma distância máxima de um metro da criança, garantindo uma boa captação dos movimentos e expressões durante as atividades. A filmagem foi realizada em alta definição (4K e 60 fps), o que permitiu uma captura precisa das reações da criança e sua mãe. As imagens registradas foram posteriormente digitalizadas para análise. Para garantir a precisão na coleta dos dados, os primeiros cinco minutos e os últimos dez minutos de cada gravação foram desconsiderados. Isso foi feito para evitar possíveis distorções nos dados, como a falta de familiarização com o ambiente no início da sessão e o cansaço ao final da atividade, que poderiam influenciar a participação da criança e comprometer a interpretação dos resultados.

Os procedimentos de análise foram: a transcrição das filmagens, conferência, aplicação do

Protocolo de Sinais Enunciativos de Aquisição de Linguagem-SEAL-, para análise da interação mãe-filho em termos do jogo enunciativo.

Este instrumento implica a observação da linguagem da criança registrando a presença ou ausência dos sinais estabelecidos para cada fase do desenvolvimento. A pontuação do SEAL segue um critério binário, onde cada sinal é marcado como presente ou ausente. A análise não se restringe à marcação dos sinais, mas inclui uma avaliação qualitativa da organização enunciativa da criança. O protocolo está dividido em duas partes, com duas fases cada, compostas por um número variado de itens, sendo que as fases estão referidas às operações descritas por Silva²: Parte I - Fase 1 (2 a 6 meses) com oito itens e Fase 2 (7 a 12 meses) com quatro itens; Parte II- Fase 3 (13 a 17 meses) com sete itens e Fase 4 (18 a 24 meses) com cinco itens.

Os dados obtidos foram analisados considerando a quantidade de sinais ausentes e suas implicações para o desenvolvimento de linguagem da criança. A presença de múltiplas ausências ou a ausência de sinais considerados críticos são utilizadas como indicativos de impasses no desenvolvimento.

Resultados

Tabela 1. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (18 a 24 meses e 29 dias) – Caso M.

Item	Resposta	Observação	Total
20. A criança solicita objetos e/ou pede esclarecimentos ao adulto interlocutor, marcando sua posição como locutor.	Ausente		0
21. A criança utiliza formas fonêmicas distintas para veicular sentidos diferentes em sua enunciação (ao menos dois pontos articulatórios-labial e alveolar- e duas classes sonoras consonantais distintas – ao menos nasais e plosivas).	Ausente		0
22. A criança utiliza distintas formas (palavras) para veicular sentidos diferentes em sua enunciação	Ausente		0
23. A criança combina palavras, na forma direta ou inversa, para veicular sentidos diferentes.	Ausente		0
24. Quando a criança apresenta produções verbais distintas da fala adulta, o adulto interlocutor reage fazendo um pedido de reparo neutro (o que) ou repetindo corretamente a fala infantil ou oferecendo item lexical compatível com a intenção comunicativa do bebê	Ausente		0
Total			0

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.

Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 2. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (13 a 17 meses e 29 dias) – Caso M.

Item	Resposta	Observação	Total
13. A criança nomeia de modo espontâneo e inteligível ao adulto interlocutor, objetos que estão ausentes no contexto.	Ausente		0
14. A criança nomeia de modo espontâneo, mas não inteligível ao adulto interlocutor, objetos que estão ausentes no contexto, buscando na prosódia uma forma de ser compreendida	Ausente		0
15. A criança nomeia de modo espontâneo e inteligível ao adulto interlocutor, objetos, pessoas, ações, que estão presentes no contexto enunciativo	Ausente		0
16. A criança faz gestos para tentar fazer-se entender quando o adulto interlocutor não a compreende.	Ausente		0
17. A criança repete o dizer do adulto interlocutor como forma de organizar ou reorganizar sua enunciação, por exemplo, aprimorando a forma sintática, ou fonológica, ou a escolha do item lexical ou mesmo acentuado algum item prosodicamente	Ausente		0
18. A criança conversa com diferentes interlocutores adultos (pai, mãe, examinador).	Ausente		0
19. O adulto interlocutor atribui um sentido possível às produções verbais da criança, ou seja, de modo sintonizado.	Ausente		0
Total			0

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.

Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 3. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (7 a 12 meses e 29 dias) – Caso M.

Item	Resposta	Observação	Total
9. A criança preenche seu lugar na interlocução (enunciado) com sons verbais (sílabas com vogais e consoantes variadas - ao menos dois pontos e dois modos articulatórios de consoantes).	Ausente	A criança produz sons vocálicos isolados ou repetitivos, sem variações claras de consoantes e vogais durante a interlocução, não preenchendo assim seu lugar com sons verbais variados	0
10. A criança esboça a produção de protopalavras por espelhamento à fala da mãe (ou substituto).	Ausente	A criança não apresenta tentativas de imitação da fala do adulto durante a interação. Não foram observadas produções vocais que indicassem espelhamento ou esboço de protopalavras.	0
11. A criança esboça a produção de protopalavras espontaneamente.	Ausente	não foram observadas produções de protopalavras espontâneas durante a interação. A criança emitiu sons, mas sem indicativos claros de intenção de significação autônoma.	0
12. Quando a mãe (ou substituta) é convocada a enunciar pela criança, ela reproduz seu enunciado e aguarda a resposta da criança.	Ausente	A mãe não responde de forma sintonizada às manifestações da criança. Frequentemente formula perguntas ou comandos sem considerar os enunciados da criança, dificultando a sustentação da troca comunicativa	0
Total			0

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.
 Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 4. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (2 a 6 meses e 29 dias) – Caso M.

Item	Resposta	Observação	Total
1. A criança reage ao manhês, por meio de vocalizações, movimentos corporais ou olhar.	Ausente	A mãe não usa manhês	0
2. A criança preenche seu lugar na interlocução com sons verbais como vogais e/ou consoantes.	Presente	Na brincadeira com a mãe apresentou esses sons; Ee, nam, um, papa, bum, meme, na mã	1
3. A criança preenche seu lugar na interlocução com sons não verbais de modo sintonizado ao contexto enunciativo (sorriso, grito, choro, tosse, resmungo).	Presente	Durante a brincadeira com o boneco com a mãe, a criança chacoalha o boneco e sorri com som, demonstrando estar envolvida na cena.	1
4. A criança preenche seu lugar na interlocução silenciosamente apenas com movimentos corporais e olhares sintonizados ao contexto enunciativo.	Presente	A criança preenche seu lugar na interlocução silenciosamente apenas com movimentos corporais e olhares sintonizados ao contexto	1
5. A criança inicia a conversação ou protoconversação.	Presente	A criança entrega o livro para a mãe e a observa em silêncio, demonstrando iniciativa de interação. Em seguida, se distrai com a tampa que caiu	1
6. A criança e a mãe (ou sua substituta) trocam olhares durante a interação.	Presente	Há trocas de olhares em diversas cenas, especialmente em momentos de entrega de objetos, imitação e brincadeiras.	1
7. A mãe (ou sua substituta) atribui sentido às manifestações verbais e não verbais do bebê, e sustenta essa protoconversação ou conversação, quando o bebê a inicia.	Ausente	A mãe não consegue interpretar as manifestações da filha, responde com perguntas sucessivas e não sustenta o contexto.	0
8. A mãe (ou sua substituta) utiliza o manhês falando com a criança de modo sintonizado ao que está acontecendo no contexto e aguardando as respostas do bebê.	Ausente	A mãe fala com a filha usando tom de voz e ritmo semelhantes ao de uma conversa com adultos, sem entonação melódica ou pausas para respostas	0
Total			5

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.
 Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 5. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (18 a 24 meses e 29 dias) – Caso H.

Item	Resposta	Observação	Total
20. A criança solicita objetos e/ou pede esclarecimentos ao adulto interlocutor, marcando sua posição como locutor.	Ausente		0
21. A criança utiliza formas fonêmicas distintas para veicular sentidos diferentes em sua enunciação (ao menos dois pontos articulatórios-labial e alveolar- e duas classes sonoras consonantais distintas – ao menos nasais e plosivas).	Ausente		0
22. A criança utiliza distintas formas (palavras) para veicular sentidos diferentes em sua enunciação	Ausente		0
23. A criança combina palavras, na forma direta ou inversa, para veicular sentidos diferentes.	Ausente		0
24. Quando a criança apresenta produções verbais distintas da fala adulta, o adulto interlocutor reage fazendo um pedido de reparo neutro (o que) ou repetindo corretamente a fala infantil ou oferecendo item lexical compatível com a intenção comunicativa do bebê	Ausente		0
Total			0

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.
Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 6. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (13 a 17 meses e 29 dias) – Caso H.

Item	Resposta	Observação	Total
13. A criança nomeia de modo espontâneo e inteligível ao adulto interlocutor, objetos que estão ausentes no contexto.	Ausente		0
14. A criança nomeia de modo espontâneo, mas não inteligível ao adulto interlocutor, objetos que estão ausentes no contexto, buscando na prosódia uma forma de ser compreendida	Ausente		0
15. A criança nomeia modo espontâneo e inteligível ao adulto interlocutor, objetos, pessoas, ações, que estão presentes no contexto enunciativo	Ausente		0
16. A criança faz gestos para tentar fazer-se entender quando o adulto interlocutor não a compreende.	Ausente		0
17. A criança repete o dizer do adulto interlocutor como forma de organizar ou reorganizar sua enunciação, por exemplo, aprimorando a forma sintática, ou fonológica, ou a escolha do item lexical ou mesmo acentuado algum item prosodicamente	Ausente		0
18. A criança conversa com diferentes interlocutores adultos (pai, mãe, examinador).	Ausente		0
19. O adulto interlocutor atribui um sentido possível às produções verbais da criança, ou seja, de modo sintonizado.	Ausente		0
Total			0

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.
Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 7. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (7 a 12 meses e 29 dias) – Caso H.

Item	Resposta	Observação	Total
9. A criança preenche seu lugar na interlocução (enunciado) com sons verbais (sílabas com vogais e consoantes variadas - ao menos dois pontos e dois modos articulatórios de consoantes).	Ausente	A criança produz sons vocálicos isolados ou repetitivos, sem variações claras de consoantes e vogais durante a interlocução, não preenchendo assim seu lugar com sons verbais variados	0
10. A criança esboça a produção de protopalavras por espelhamento à fala da mãe (ou substituto).	Ausente	A criança não apresenta tentativas de imitação da fala do adulto durante a interação. Não foram observadas produções vocais que indicassem espelhamento ou esboço de protopalavras.	0
11. A criança esboça a produção de protopalavras espontaneamente.	Ausente	não foram observadas produções de protopalavras espontâneas durante a interação. A criança emitiu sons, mas sem indicativos claros de intenção de significação autônoma.	0
12. Quando a mãe (ou substituta) é convocada a enunciar pela criança, ela reproduz seu enunciado e aguarda a resposta da criança.	Ausente	A mãe não responde de forma sintonizada às manifestações da criança. Frequentemente formula perguntas ou comandos sem considerar os enunciados da criança, dificultando a sustentação da troca comunicativa	0
Total			0

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.
 Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Tabela 8. Resultados dos sinais enunciativos de aquisição da linguagem: (2 a 6 meses e 29 dias) – Caso H.

Item	Resposta	Observação	Total
1. A criança reage ao manhês, por meio de vocalizações, movimentos corporais ou olhar.	Presente		1
2. A criança preenche seu lugar na interlocução com sons verbais como vogais e/ou consoantes.	Presente	Na brincadeira com a mãe apresentou esses sons; aãh, brum	1
3. A criança preenche seu lugar na interlocução com sons não verbais de modo sintonizado ao contexto enunciativo (sorriso, grito, choro, tosse, resmungo).	Presente	A mãe mostra as painéis e a criança, grita e joga objetos.	1
4. A criança preenche seu lugar na interlocução silenciosamente apenas com movimentos corporais e olhares sintonizados ao contexto enunciativo.	Ausente	Olha brevemente para a mãe, mas não sustenta o olhar nem se mostra sintonizado com ela na interação. Quando a mãe tenta interagir, ele resmunga e joga os brinquedos	0
5. A criança inicia a conversação ou protoconversação.	Ausente	A criança não toma iniciativa de interação com a mãe. Apenas manipula os brinquedos e os joga, sem buscar estabelecer troca	0
6. A criança e a mãe (ou sua substituta) trocam olhares durante a interação.	Presente	Há trocas de olhares em diversas cenas, especialmente em momentos de entrega de objetos, imitação e brincadeiras.	1
7. A mãe (ou sua substituta) atribui sentido às manifestações verbais e não verbais do bebê, e sustenta essa protoconversação ou conversação, quando o bebê a inicia.	Ausente	A mãe não consegue interpretar as manifestações, não sustenta o contexto.	0
8. A mãe (ou sua substituta) utiliza o manhês falando com a criança de modo sintonizado ao que está acontecendo no contexto e aguardando as respostas do bebê.	Presente	mãe usa entonação melódica e palavras no diminutivo como "mimi", "nana nenê", "papazinho"	1
Total			5

Legenda: Itens do protocolo SEAL aplicados conforme faixa etária.
 Fonte: Crestani et al. (2017); Fattore et al. (2022)

Observe-se que as crianças apresentam algumas instanciações enunciativas apenas em período inicial:

1. Esboçam algumas trocas de olhares com as mães, sobretudo quando essas lhes apresentam algum objeto, mas não sustentam o olhar, dispersando-se;
2. Apresentam vocalização com referência a um objeto em determinadas situações, porém, aparentemente são produções congeladas, dado que são nomeações feitas repetidas vezes no cotidiano, do tipo:

Exemplo:

Interação com M:

A mãe está sentada ao chão, enquanto M. permanece em pé segurando uma cesta de frutas. A mãe pega a banana de brinquedo e a mostra para M.:

Mãe: — Ah, isso aqui você não sabe o que é. Que que é isso?

— Que você sabe, ó, cê já aprendeu a falar.

— Isso aqui, ó! Que que é isso aqui? Ó, banana!

— Quem é que come banana?

M: — Nãna.

Interação com H:

Estão sentados ao chão. A mãe pega o carrinho e o boneco de brinquedo, coloca o boneco dentro do carrinho e simula o movimento de passeio. H. acompanha com o olhar, enquanto a mãe fala:

Mãe: — Bota o neném no carro pra passear!

— Faz, Brumm.

H: — Bummmm

Por outro lado, desde o início, é possível verificar que as mães não ensaiam interpretações a partir de manifestações das crianças, o que chama a atenção, pois são elas que deveriam sustentar enunciativamente a circulação dialógica com as crianças. Por exemplo:

Interação com M:

A M. manipula canetinhas, demonstrando interesse em desenhar. A mãe a convida para uma atividade de leitura, enquanto Maria mostra a canetinha e pega a folha. A sequência ocorre da seguinte forma:

Mãe: — Vem aqui, vamo ler historinha.

M. pega uma canetinha e mostra para a mãe.

Mãe: — Ó, cê não adora livro.

M. se vira e começa a desenhar na folha, mostrando a canetinha para a mãe.

Mãe: — Mamãe vai te ensinar a história do Pinóquio, ó.

M. pega outra caneta, começa a vocalizar (“aaaa”) e a desenhar.

Mãe: — Vem ver a história, ó.

Interação com H.:

H. pega um lápis para desenhar e olha para a mãe, demonstrando interesse na atividade. No entanto, a mãe ignora a iniciativa da criança e prossegue com outra ação: guarda o pote de lápis e diz:

Mãe: — Ajuda a mamãe a guardar os brinquedos.

H.: — ammm

Igualmente, em fase posterior (7 a 12 m), verifica-se que as mães não ocupam a posição das crianças, incapazes de realizar sua participação, mantendo vazio este espaço da circulação dialógica, muitas vezes, reapresentando seu enunciado, não sustentando enunciativamente o diálogo. Por exemplo:

Interação com M.

M. Mostra a banana para a mãe, indicando uma tentativa de participação no diálogo. Entretanto, a mãe não ocupa o lugar da criança nem sustenta o enunciado inicial, desviando a atenção para uma nova pergunta:

Mãe: — Como faz o macaco?

Mãe: — Faz pra mamãe?

Mãe: — Como faz o macaco?

Interação com H.

H. pega a boneca e a oferece à mãe, que a afasta. A mãe pega o carrinho e inicia uma nova ação.

Mãe: — Vamos passear com o carrinho.

H. retornar à boneca, continua tentando envolver a mãe

Mãe: — Ó o carrinho, brum, ó o carrinho”.

A mãe de H. utiliza o manhês, um instrumento efetivo, na maior parte das vezes, para se operar o laço com a criança. Mas no caso desta mãe, na situação de nomeação de objetos e pessoas, ela fala sem aguardar, entretanto, alguma resposta da criança. Ela apenas coloca o objeto em cena e o nomeia, com voz cantada, utilizando diminutivos, frases simples, padrão típico do manhês, mas parece que simplesmente apostando que esse desempenho será do agrado da criança. Exemplo:

Interação com M.

Mãe: — Òòòlha o que teeem de frutiinha↑ (voz cantada, alongamento das vogais, entonação

— Bananááá! Nname, nname, nname (melodia descendente, ritmo marcado, intensidade

— Aqui o pããã↓. Você gosta de pãozinho↑? Nha-

me, nname, nname (uso de diminutivo, voz cantada, prosódia oscilante com final ascendente na pergunta)

H. acompanha a fala e os objetos com o olhar, mas não há aguardo para que ele produza respostas ou participe, de qualquer forma, evidenciando que a circulação dialógica não é sustentada.

Discussão

A enunciação é um ponto de vista de análise que se pode oferecer à investigação das interações mãe-criança.¹⁰ Desde esse ponto de vista, a criança é reconhecida como sujeito e, assim, a aquisição da linguagem se dá nos encontros enunciativos que sustentam um fato intersubjetivo. Os dados obtidos no estudo parecem apontar para impasses nestes encontros, o que pode esclarecer em parte a ausência de fala nas crianças*. Vale lembrar que ambas as crianças, apresentavam apenas vocalizações e algumas sonorizações, com compreensão bastante restrita da fala do outro, representando um atraso importante no desenvolvimento da linguagem, restando a esse estudo investigar em que fase da circulação enunciativa elas estariam.

Os dados mostram que as crianças estão inseridas nas cadeias enunciativas iniciais, muito aquém do esperado para sua idade e muito fragilmente. Há esboços, representados por olhares, de início de interações e mesmo de respostas a convocações, mas este enlaçamento logo se desfaz, a dispersão rompe de imediato ciclos que apenas se instanciam, fatos que as filmagens mostram. Note-se que tal rompimento se deve à conduta dispersa das crianças, mas, também, a uma sistemática desistência materna que não tenta sustentar a interação, apesar do deslocamento das crianças. Quer dizer, as mães não respondem em reconhecimento das produções infantis, verbais ou não, seguindo no ciclo como se à revelia delas. quase numa conduta que revela certa ansiedade, depressão frente ao desempenho da criança.¹¹⁻¹² Por exemplo:

Interação com M.:

M. pega o livro e um lápis, mostra para a mãe e começa a desenhar.

Mãe: — O que você quer, o livro ou desenhar?

* Note-se que as interações foram filmadas e, assim, dados não verbais puderam ser extraídos, tais como a prosódia da fala materna, o ritmo das ações, gestos e expressões faciais, e tiveram lugar nas reflexões

M. aponta para o livro e continua desenhando na folha.

A mãe observa, não responde ao gesto da filha e, em seguida, pega outro brinquedo, tentando chamar sua atenção.

Interação com H.:

H. vai até a caixa para pegar um carrinho. A mãe, segurando a boneca, diz:

Mãe: — Vamos escutar o coração dela!

H. começa a tirar os brinquedos da caixa e jogá-los no chão, sem olhar para a mãe.

Mãe: — Não joga! Estamos brincando!

H. grita, pega a tampa da caixa e tenta fechá-la, enquanto a mãe insiste na brincadeira com a boneca.

Os dados mostram que há características peculiares no desempenho de ambas as mães, no sentido de não sustentarem enunciativamente as crianças, sendo que as raras instanciações de trocas se diluem, se rompem. Há certa diferença entre M e H, sendo que M apresenta um desempenho ligeiramente melhor que H na fase inicial do protocolo, inclusive com esboços de propostas de interação, mas, eles se igualam em períodos posteriores, com resultados que apontam para um rompimento na sua inserção em cadeias enunciativas, o que parece ligado ao desempenho materno em interações com sua filha. Exemplo:

Interação com M.:

M. Ao pegar o lápis, entrega para sua mãe. A mãe, então, entra na interação, dizendo:

Mãe: — Vou pegar o papel pra brincar de canetinha

Mãe: — Vamos então sentar.

Mãe: — Senta com a mamãe!

M. Senta-se ao chão e começa a desenhar com a mãe trocando as canetinhas

Momento em que se iguala em período posterior

Interação com M.:

M. pega um livro e o mostra para a mãe, sinalizando interesse em compartilhar o objeto. A mãe, entretanto, insiste em direcionar a interação para outra atividade, propondo que M. escute o coração da boneca com o estetoscópio de brinquedo, dizendo: Mãe: — Ó, sabe quando você está dodói? E vai ao médico, ele faz assim ó!

A mãe coloca o estetoscópio na boneca, mas M. continua a olhar e a apontar para o livro. Mesmo diante da iniciativa da criança, a mãe insiste:

Mãe: — É para escutar o coração.

M. olha para a mãe e, em seguida, retorna ao livro, mantendo seu foco inicial e evidenciando o descontro enunciativo.

O protocolo, na parte I fases 1 (2-6m) e 2 (7-12m) investigam aspectos relacionados exatamente à participação materna em ações fundamentais para o reconhecimento da criança enquanto sujeito, portanto, enquanto protagonista nos ciclos enunciativos. A mãe precisa trazer à cena o jogo da intersubjetividade e para isso, supor um sujeito na criança para se referir a ela, atender suas demandas, sustentando um lugar de enunciação para ela.¹³ Com o tempo, é operada a disjunção, a mãe reconhece a criança separada de si, como um falante em construção¹⁴. Mas, parece que isto não ocorre nas interações estudadas.

As filmagens mostram a estrutura discursiva operada nas interações entre as mães e as crianças, uma estrutura que expõe duas lógicas: de um lado, como coloca Silva³, não respondem às crianças discursivizando e dando significado aos seus atos verbais e não verbais, sendo que, por outro, diferentemente, passam a encenar situações em que as crianças são colocadas no lugar de aprendizes, em que fica opacizada sua participação que, de fato, é muito tênue, mas que poderia ser reconhecida. Na relação de alteridade, a mãe é alguém que dá voz ao filho para que, juntos, construam uma relação discursiva, mas, nestes casos, as mães ficam na posição de mestras, ensinando palavras.¹⁵ Por exemplo:

Interação com M.:

Mãe: — Que cor é essa?

— Lápis azul.

— Azul.

— Lápis azul.

M. Fica olhando para a mãe e sai andando

Interação com H.:

Mãe: — Aqui, 'prato.

— Aqui, ó, ovo.

— Aqui, uva.

— Aqui, neném.

H. Olha para a mãe e vira para ficar batendo o pote ao chão

Observa-se que a mãe de H. usa o manhês ao se dirigir à criança, performance considerada muito efetiva enquanto instrumento de implicação com a criança, como apontado nestas fases iniciais do protocolo. Mas, é importante notar que ela não emoldura sua fala em uma prosódia ascendente, como se abrisse à criança um lugar de enunciação, mas, sim, apenas usa o manhês na nomeação de

objetos, enquanto mexe nos brinquedos que ali estão. Exemplo:

Interação com H.:

Mãe: — Ôôôlha o que teem de frutiinha↑ (voz cantada, alongamento das vogais, entonação

— Bananááá! Nhame, nhame, nhame (melodia descendente, ritmo marcado, intensidade

— Aqui o pãoão↓. Você gosta de pãoziinho↑? Nhame, nhame, nhame (uso de diminutivo, voz cantada, prosódia oscilante com final ascendente na pergunta)

Henrique acompanha a fala e os objetos com o olhar, mas não há aguardo para que ele produza respostas ou participe, de qualquer forma, evidenciando que a circulação dialógica não é sustentada.

Note-se que a interação foi gravada e, assim, é possível fazer considerações sobre a conduta materna, para além da notação literal do item em causa. Quer dizer, segue ensinando palavras e talvez, o manhês aqui apenas imprima uma aparente infantilização à sua fala, como se esse pudesse ser um ponto de vínculo. A criança não se apresenta afetada por isso, mantendo-se dispersa.

Parece que as mães experimentam um enleio entre duas apostas: por um lado, desejar e pretender um melhor futuro para a criança, o que implicaria em uma estimulação constante e de sustentação para ela, e, por outro, não deixar de lado uma ideia de incompetência com relação ao seu filho, que estaria representada, por exemplo, na busca de autonomia da pessoa com SD, porém sempre acompanhada de vigilância e cooperação, ou então, na tentativa de treinar vocabulário, visando uma melhor adaptação social, tendo em vista a demora para a fala advir, cancelando oportunidades de constituição de um sujeito falante, a partir de sua posição de um outro assegurador desta subjetividade.¹⁶⁻¹⁷⁻¹⁸ Isso parece esclarecer em parte a fixação da mãe na posição de locutor, sem qualquer movimentação na estrutura, encontrado em exemplos do discurso pedagógico.¹⁹

Enfim, os dados do estudo mostraram que as crianças se encontram inseridas em fases enunciativas bastante aquém do esperado para sua idade, mas esses dados também indicam que este atraso pode ser esclarecido em parte pelo tipo de discurso no qual mãe se ajeita nas suas interações com seu filho, acabando por não sustentar enunciativamente a criança. Esta escolha parece decorrente de conteúdos contraditórios, hesitantes, que habitam o consciente e o inconsciente das mães, e as conduzem a cenas interacionais pouco eficientes com seus

filhos, no que se refere à aquisição da linguagem pelas crianças.^{4,13}

A posição de mestra parece uma solução encontrada por estas duas mães, no sentido de lidar com o luto, sentimento que insiste, quer dizer, com o desmanche da imagem de um filho ideal, tentando, então, aproximar seus filhos de certa “normalidade”. E, para tanto, lhes ensinam palavras, sem parar, porque crianças “normais” falam e podem obter certa adaptação social. Tal posição, contudo, obstaculiza o trânsito enunciativo das crianças, congelando-as em uma posição de ouvinte, característica quando expostas a um discurso de viés pedagógico, emoldurado por uma prosódia descendente que não abre a circulação discursiva ao outro. Aí congeladas, elas não ganham a oportunidade de experimentar o desafio de perambularem na instância das palavras, pela fala.

Conclusão

Pesquisas sobre atrasos na aquisição da linguagem por crianças com Síndrome de Down sustentadas por análises do tipo enunciativa são importantes, porque ultrapassam a simples descrição linguística do desempenho da criança, visando a compreender a estrutura discursiva que sustenta as interações mãe-criança, espaços considerados fundamentais no processo de desenvolvimento infantil.

O presente estudo é uma incursão inicial nesta questão, portanto impedido de subsidiar generalizações. Mas, é importante porque aponta para a necessidade de novas reflexões sobre os atrasos de aquisição de linguagem.

Referências

- Oliveira LD, Ramos-Souza AP. O distúrbio de linguagem em dois sujeitos com risco para o desenvolvimento em uma perspectiva enunciativa do funcionamento de linguagem. CEFAC. 2014;16(5): 1700-12. doi:10.1590/1982-0216201410713
- Benveniste É. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes; 1988
- Silva CLC. A criança na linguagem: enunciação e aquisição. Campinas: Pontes; 2009.
- Jerusalinsky J. Prosódia e enunciação na clínica com bebês: quando a entoação diz mais do que se queria dizer. In: Vorcáro A, organizadora. Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma; 2004.
- Vendruscolo J, RamosSouza AP. Intersubjetividade no olhar interdisciplinar sobre o brincar e a linguagem de sujeitos com risco psíquico. Rev CEFAC. 2015; 17(3): 707-19. doi:10.1590/1982-0216201514814
- Crestani AH. Elaboração e validação preliminar de índices de aquisição da linguagem em uma perspectiva enunciativa para crianças de 2 a 12 meses [tese]. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria; 2016 [citado 2025 jun 29]. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3453>
- Crestani AH, Moraes AB, Souza APR. Validação de conteúdo: clareza/pertinência, fidedignidade e consistência interna de sinais enunciativos de aquisição da linguagem. CoDAS. 2017; 29(4). doi:10.1590/2317-1782/201720160180
- Fattore IM, Moraes AB, Crestani AH. Validação de conteúdo e de construto de sinais enunciativos de aquisição da linguagem no segundo ano de vida. CODAS. 2022; 34 (2). doi:10.1590/2317-1782/20202020252
- Balbo APB. A interação mãe-criança pequena com Síndrome de Down: três casos em pauta. [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); 2025.
- Flores VN. A enunciação e os níveis de análise linguística em dados de distúrbios de linguagem. Organon. 2009; 23(46): 177-90. doi:10.22456/2238-8915.39742
- Crestani AH, Rosa FFM, Souza APR, Pretto JP, Moro MP. A experiência da maternidade e a dialogia mãe-filho com distúrbio de linguagem. Rev CEFAC. 2012;14(2): 360-370. doi:10.1590/S1516-18462010005000105
- Teixeira GF. Depressão materna e sua repercussão na relação inicial mãe-bebê. Contemp. Psicanálise e Transdisciplinaridade. 2007; 2: 300-9.
- Oliveira LD, Moraes AB, Nunes SF, Souza APR. Relação entre sofrimento psíquico e atraso na aquisição da linguagem nos dois primeiros anos de vida. Distúrb Comun. 2022; 34(1): 55291. doi:10.23925/2176-2724.2022v34i1e55291
- Bolzan RS, Souza APR. O lugar de enunciação de dois bebês com sofrimento psíquico e atraso de linguagem. Estilos Clin. 2023; 28(1): 79-97. doi:10.11606/issn.1981-1624.v28i1p79-97
- Del Ré A, Vieira AJ, Hilário RN. Aquisição da linguagem na perspectiva dialógico-discursiva: um olhar para os dados de duas crianças. Estud Língua(gem). 2022 Dec; 20(1): 171-94.
- Ponciano ELT, Féres-Carneiro T. Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. Psicol Reflex Crit. 2014; 27(2). doi:10.1590/1678-7153.201427220
- Cavalheiro NS. As percepções dos pais diante da síndrome de Down do filho e o cotidiano dessas famílias [dissertação]. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná; 2016. 97f.
- Ferreira TS. Síndrome de Down: influências na interação mãe-bebê [dissertação]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (Unesp); 2017.
- Nogaro A. O discurso pedagógico na perspectiva da análise do discurso. Rev Pedagógica. 2016; 2(4): 7-24. doi:10.22196/rp.v4i4.3511



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.